

Arquivos de Anatomia e Antropologia

vol. 1, 1975, ano I, RJ.

Instit. de Antropologia Prof. Souza Marques.

Escola de Medicina - Dep. de Morfo-Fisiologia

CEDI - P. I. B.
DATA 29 09, 86
COU Q1D14

IGAÇABAS DOS TUPI-GUARANIS

(*) DR. JOSÉ VICENTE CÉSAR, SVD.

(*) Padre José Vicente César, membro-pleno do Instituto Anthropos, depois de ter estudado 4 anos nas universidades brasileiras, esteve 5 anos na Suíça onde, em 1965, terminou o doutorado de Etnologia, Filologia Hindu e Ciências das Religiões. Defendeu tese em alemão "Urnenbestattung bei den Tupi-Guarani" (Enterros em Urnas dos Tupi-Guaranis), livro atualmente esgotado, do qual saíram resumos na Revista de Antropologia (São Paulo, 1966) e na Editora Vozes (Petrópolis, 1972). Padre César é fundador do Anthropos do Brasil e presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), ambos da Igreja Católica.

IGAÇABAS DOS TUPI-GUARANIS

DR. JOSÉ VICENTE CÉSAR, SVD.

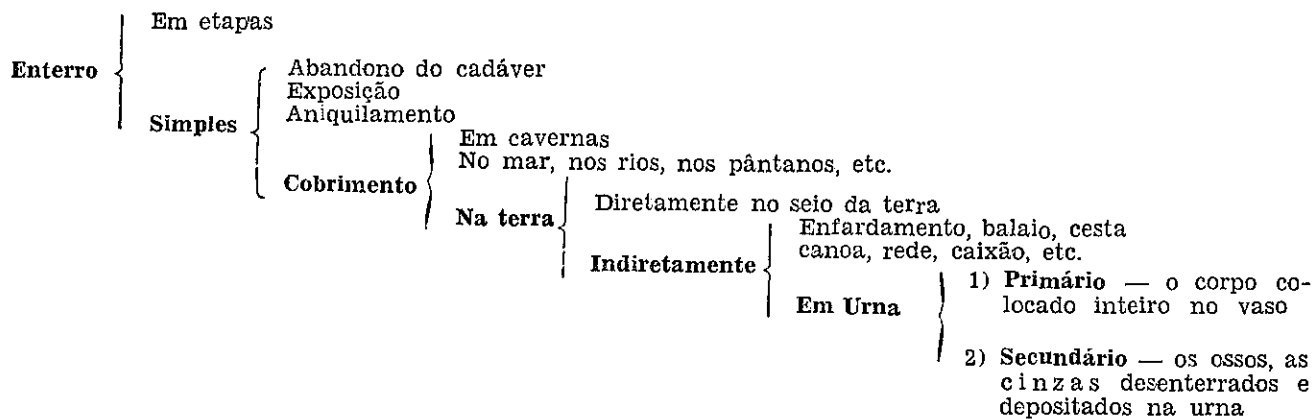
A pesquisa em seu texto integral procura fornecer um apanhado geral, o mais completo possível, sobre os enterros em urnas entre os índios da grande família linguística tupi-guarani, buscando, ao mesmo tempo, uma resposta às perguntas: 1) se existem certos tipos de urnas próprios destes povos; 2) até que ponto os sepultamentos em urnas podem ser considerados típicos ou característicos da cultura tupi-guarani. Com isto temos as três partes principais deste trabalho:

I. — AS FONTES; II. — TIPOLOGIA DAS IGAÇABAS; III. — CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS. A vintena de obras aqui citadas darão apenas ligeira idéia da riquíssima bibliografia existente sobre o assunto com mais de quinhentos títulos.

Na quase totalidade dos povos conhecidos o complexo cultural relativo aos ritos funerários e aos sepultamentos dos mortos se transforma numa resposta consoladora ao implacável desafio da morte. Tanto isso é verdade que o Cristianismo — sem dúvida o movimento religioso que mais influenciou os dois últimos milênios da história humana — possui como segredo de sua constantemente renovada expansão e extraordinário dinamismo a promessa da vida e da ressurreição. Ninguém quer morrer, nenhum homem aceita a morte como alguma coisa de definitivo. No caso dos povos nativos, freqüentemente denominados “primitivos” com respeito à nossa civilização, onde os grupos sociais se apresentam comumente menores e os recursos tanto de ordem material como espiritual no-

toriamente minguados assume o cerimonial fúnebre caráter todo especial pois nele se deverá concentrar o desabafo compensatório de indivíduos para os quais a pessoa do defunto significava algo de muito perto nos afazeres e lutas de cada dia. Tendo-se em vista os íntimos laços de sangue e parentesco pelos quais se organizavam as até agora conhecidas 115 tribos tupi-guaranis em extensos grupos coletivos de “grandes-famílias” (extended family, Grossfamilie), logo se percebe a importância que haveriam de emprestar ao sepultamento de seus falecidos, tão estreitamente unidos a todos os membros da grande comunidade familiar.

Como qualquer outra instituição, representam os rituais fúnebres certo aspecto da cultura de um povo, recebendo da respectiva sociedade normas sancionadas pela tradição. Acentuada importância representa o fator emocional em torno do passamento e do enterro, que assume freqüentemente atitudes ambivalentes: ora conagração, piedade e consideração, ora medo e horror. Daí se explica a instabilidade dos ritos funerários, especialmente entre os Tupi-Guaranis, dados a intensos movimentos migratórios e incursões guerreiras, fatores estes pouco propícios ao desenvolvimento mais tranquilo e aperfeiçoado do culto aos mortos. Sendo difícil fixar um critério que enquadre num sistema todas as formas de sepultamento, resolveu-se para clareza de terminologia adotar o seguinte esquema, em parte apoiado num trabalho de Waldemar Stoehr (1959:6 ss.):



Alguns autores falam somente de enterros diretos e indiretos, significando com isso os primários e secundários em urnas. Encontram-se, outrossim, outras expressões como “temporária”, “mista”, “combinada”, “intermediária”, “parcial”.

O enterramento em urnas não foi a única maneira de sepultar dos Tupi-Guaranis, nem mesmo a mais usada por estas populações desde que entraram em contacto com os europeus. Por tupi-guarani entendam-se aqui de maneira geral todas as tribus indígenas sul-americanas que linguisticamente podem ser arroladas no grande tronco Tupi (Rodrigues 1964). Visto as muitas dificuldades de determinar a área cultural própria desses silvícolas, optou-se tomar como ponto de partida, designar um espaço geográfico que valha como região de expansão máxima deles mesmos ou de sua cultura, quer nos tempos antes, quer nos após do descobrimento da América. São as três bacias fluviais do Amazonas, do Paraná, e do São Francisco, abrangendo politicamente os atuais territórios do Brasil, Uruguai, Paraguai, Nordeste Argentino, quase toda a Bolívia e ainda pequenos trechos do Peru, da Venezuela, da Colômbia e das Guianas.

Sobre as igaçabas já escreveram Preuss (1894), Torres (1911), Schmidt (1913), Latcham (1915), Métrau (1928), Bullock (1955) e mais recentemente Boglár (1958 e 1959), nenhum deles, porém, dispôs de fontes suficientes, deixando sobretudo de estabelecer a distinção entre as informações arqueológicas e as de procedência histórica.

I. — AS FONTES

Dados arqueológicos — Os achados de urnas funerárias nos sambaquis e na região do Baixo Amazonas merecem consideração

especial, por isso que o contacto com as culturas ou com os vestígios neles deixados, poderia ter influenciado no modo de enterrar dos Tupi-Guaranis. Os sambaquis, concheiros, ostreiras, casqueiros, etc. são depósitos ou montões de conchas, de procedência natural ou artificial, situados no litoral, em rios ou lagoas mais próximos da costa oriental sul-americana, nomeadamente do Brasil. Eram conhecidos desde os primeiros tempos da Descoberta mas só ultimamente vêm sendo estudados devidamente como fontes preciosas das culturas antigas que passaram por aquelas regiões. São encontradas muitas urnas funerárias nas camadas mais superficiais dos sambaquis, as quais, todavia, não devem ser atribuídas a seus construtores mas a outras populações, principalmente tupi-guaranis que se instalaram naqueles lugares. Até o momento não se pode afirmar que as culturas sambaquianas tenham exercido alguma influência nas práticas funerárias dos Tupi-Guaranis. — Por antigas culturas amazônicas se entendam aquelas do Baixo Amazonas que ali permaneceram até pouco antes do século XVI. As evidências arqueológicas não deixam dúvida de que o culto dos mortos ocupava lugar de destaque na vida daquelas populações: os sepultamentos secundários em urnas foram largamente praticados, havendo inclusive casos de urnas duplas, uma ou duas dentro de outra maior. Quanto à forma e decoração das peças, predominam nos desenhos as figuras antropomorfas e zoomorfas, bem diferentes das tupi-guaranis. Os tesoros ou aterros do Amazonas foram levantados para servir de cemitérios, ao passo que os sambaquis parecem antes casuais monturos de “restos de cozinha”.

A seguir vêm as urnas funerárias desenterradas na área de irradiação tupi-guarani:

ao norte da Bacia Amazônica, os Arupais, Curuaias, Irunas, Tucuniapés e Xipaias com sepultamentos secundários, também os Maués entre o Xingu e o Tapajós — informações geralmente precárias colhidas no *Handbook of Southamerican Indians* (III:216, 217). Nordenskiöld em 1913 desenterrou e estudou muitas içaçabas da zona do Rio Mamoré na Bolívia, de origem chané e chiriguana. Na Bacia do Paraná os achados e informes são muito numerosos e precisos máxime nestes últimos dez anos. É a área por excelência de irradiação guarani, e das melhor exploradas em todos os sentidos, inclusive nos tempos que correm. No Rio São Francisco mingua por completo as notícias sobre urnas tupi-guaranis. Mas são encontradas outras de forma e material diferente da tradição tupi-guarani: para a Bahia e o Nordeste Brasileiro possuímos os trabalhos de C.F. Ott (1944 e 1958) e Clóvis Antunes (1973). Para áreas adjacentes das cabeceiras do São Francisco vejam-se as pesquisas de A. N. da Silva (1959 e 1960 e César (1965/66 e 1968). Além disso foram inventariados muitos outros achados de cerâmica funerária indígena de origem não tupi-guarani, a fim de que os estudos comparativos gozassem de apoio mais sólido. Os cronistas dos primeiros séculos da Descoberta fornecem testemunho importante sobre os costumes funerários dos Tupi-Guaranis, por se tratar em parte de observadores oculares em primeiro contacto com o indígena, antes que ele tivesse recebido os influxos dos Europeus. Segundo os padres Cardim, Montoya, Thevet, Simão de Vasconcellos e um autor anônimo jesuíta de fins do século XVI, foi o sepultamento primário em urnas costume difundido em muitos grupos do Brasil e do Paraguai. Em Vasconcellos (1865:LXXXIII) damos com o vocábulo IGAÇABA: "Uns o enterram em um vaso de barro, que chamam içaçaba. .". É nome da língua tupi significando originariamente vaso para conter água ou qualquer outra sorte de líquidos. Vem de IG (i gutural) que quer dizer líquido, água, rio, mar, etc. mais o particípio (A)ÇABA = receptor, vaso (continentes). Entre os americanistas aceita-se mais e mais o termo içaçaba como sinônimo de urna funerária dos Tupi-Guaranis (César 1954).

Segundo Soares de Sousa e Frei Salvador somente os filhos jovens dos Tupinambás da Bahia eram colocados em içaçabas, quando mortos. Entre as tribos tupis do Amazonas dão-se enterros primários e secundários, o mesmo acontecendo com outros grupos não tupi-guaranis. Restam, todavia, muitos outros

cronistas como Anchieta, Claude d'Abbeville, Yves d'Evreux, Léry, Nóbrega, Navarro e Vieira que nada mencionam deste costume entre os índios brasileiros. Nem mesmo o arcabuzeiro germânico Hans Staden que passou 9 meses prisioneiro dos Tupinambás de Ubatuba, viu algum sepultamento em urnas. Devem pois, os relatos dos cronistas, por terem sido escritos em épocas diferentes e abrangerem regiões muito distantes entre si, ser interpretados com muita reserva.

Os autores recentes já distinguem entre enterros primários e secundários. Alguns testemunhos remontam simplesmente aos cronistas (Tessmann 1930, Hopp 1958). Os Wayoros do Mato Grosso bem como os Guarayos e Pausernas do Chaco Boliviano praticavam também enterros primários em urnas. Dos Chanés e Chiriguanos é certo que persistiram nesta prática até comecços deste século. Para os Guaranis e Caiuás há diversos depoimentos e vestígios de que tenham conservado o uso até a pouco, mas atualmente não o fazem mais (Schaden 1954:155). Praticavam enterros secundários os Mundurucus e Curuaias, colocando as cinzas dos homens de alta posição, depois de o esqueleto ter sido desenterrado e queimado (Hopp 1958:105). Entre os Tupis das Guianas o enterro secundário persistiu até fins do século passado (Rev. Globus XL, 1881: 17). Os Aicauás limitam a praxe aos filhos de caciques: os ossos são desenterrados três meses após o sepultamento, queimados, e as cinzas depositadas em uma panela com desenhos lineares (Becker-Donner 1955:281). Tudo bem pesado e deixados de lado os dados da arqueologia, restam apenas 4 grupos que ainda praticavam recentemente enterros em urnas: Aicauá, Caiuá, Pauserna e Wayoro. Como anteriormente cumpre notar que dentro e fora da área de expansão tupi-guarani há muitos casos de enterros entre povos não tupi-guaranis.

II — TIPOLOGIA DAS IGAÇABAS

Pelas fontes acima examinadas fica averiguado que o sepultamento em içaçabas aparece, de uma ou outra maneira, documentado em 25 grupos da grande família linguística tupi-guarani, da qual se conhecem na história mais de oitenta tribos que não enterravam os mortos em içaçabas: Amniapé, Amoipira, Anambé, Apama, Apanto, Apapocuva, Apiacá, Apigapitanga, Araboiara, Ararape, Aracaju, Arara, Aré, Ariquém, Aruá, Auetó, Avacucuai, Avachiripa, Boca-Negra (Iruna), Caeté, Caiabi, Calyua, Camaiurá,

Canoeiro, Canoé, Caripuna, Caririana, Caia-bi, Cavaiba, Cheiru, Cinta-Larga, Digiit, Emerrillon, Guaiaqui, Guajá, Guajajara, Guacua-ra, Guaraçaió, Guaiapi, Jacundá, Jurimágua, Kepkiriwat, Macurape, Makiri, Manaié, Manajo, Manitsaua, Moíá, Mequém, Miranha, Mondé, Muriapitanga, Naimiguara, Ntogapit, Oguaíva, Paiguaçu, Parajá, Prariana, Parintintim, Pauxi, Pawaté, Potiguara, Sanamaica, Sirionó, Suruí, Tabajara, Tamoio, Tinhinguá, Tapanhoangucum, Tapanhuma, Tapieté, Tapiná, Tapirapé, Tapirauha, Tembé, Temiminó, Timaona, Tupari, Turiuara, Uaraguaçu, Urubu, Uruçu, Urumi, Viatá, Warategaia, Wira-fed, Xibitaona, Yvytyguá — 88 ao todo.

Mais 25 grupos que enterravam em urnas: Aicaúá (enterro secundário = 2.º), Arupaí (2.º), Caiuá (primário = 1.º), Bugres do Campo (2.º), Carijós (1.º), Chané (1.º), Chiriguano (1.º), Cocama (1.º e 2.º), Cocamilla (1.º), Curuaia (1.º e 2.º), Guaianá (1.º), Guarani (1.º), Guarayo (1.º), Iuruna (2.º), Maué(?), Mundurucu (2.º), Oiampi (2.º), Omágua (1.º), Pauserna (1.º), Tucuniapé (2.º), Tupi (1.º), Tupinambá (1.º), Tupiniquim (1.º), Wayoro (1.º), Xipaia (2.º).

O material empregado na confecção das igaçabas é o barro ou argila cozida. Para temperar a massa, tornando-a mais amoldável às mãos do oleiro, valem-se os índios das cinzas de certas árvores ou mesmo de cacos esfarelados. A indústria cerâmica ficava geralmente a cargo das mulheres: preparavam massa de argila de que fazem os vasos como querem, deixam-nos secar por algum tempo ao ar livre; depois são queimados ao fogo ou em fornos cavados no solo. As peças se tornam quentes como ferro em brasa. Para armar as paredes das vasilhas era muito difundida a técnica dos roletes ou cordões de barro mole que se vão superpondo uns aos outros; às vezes fazia-se tudo de um único rolo de argila em linha helicoidal ou espiral. O fundo das igaçabas podia também ser formado envolvendo-se as tiras de barro fresco em torno de uma pedra cônica. O polimento se obtinha por meio de alguma pedra lisa de uso manual. Os cronistas citam uma espécie de verniz, solução de goma ou resina natural, misturada com argila e pigmento colorante, com que os nativos banhavam suas peças por fora e por dentro, tornando-as resistentes e mais belas. Trata-se do "engobo", ainda hoje usual entre as populações caboclas do Brasil Meridional.

Quanto ao tamanho e forma das urnas funerárias, há muita variedade. Dos cronis-

tas temos descrições generalizadas, dizendo que eram grandes; e os autores recentes pecam pela mesma falta de precisão. Melhores informes dá-nos a arqueologia. De modo geral se pode afirmar que as igaçabas tem uma altura que varia de 40 cm até pouco mais de um metro; o diâmetro de 45 cm até um metro; a abertura da boca de 30 a 60 cm (diâmetro). Já do século XVI existem desenhos de Hans Staden e Thevet, donde se conclui alguma coisa sobre a forma dos vasos cerâmicos. Tudo considerado, apuram-se 4 grupos de igaçabas: 1) — urnas em forma de bacia ou tina; 2) — peças em forma de dois cones truncados, unidos pela base, arredondados, o fundo meio afilado; 3) — em forma de panela ou botija ampla; 4) — urnas semi-ovais ou em forma de baciazinha.

O pescoço das igaçabas é, regra geral, curto, e a parte inferior afilada. A falta de asas na cerâmica tupi-guarani é tida como característica desta cultura. Quando ocorrem, como no caso dos Chanés e Chiriguanos, revelam influxos de fora, provavelmente dos Andes.

Peça inseparável das urnas funerárias era a tampa. Os cronistas Figueroa, Thevet, Maroni e Jaboatão dão a entender que os indígenas punham grande empenho em tampar a igaçaba ou em cobrir o rosto do defunto. Excavações em diversas regiões do Continente têm demonstrado que este costume remonta fundo na história dos ameríndios. Num desenho de Thevet (1953:98) sobre um sepultamento tupinambá, a tampa da igaçaba aparece mais realçada que esta mesma. Figuras de urnas guaranis mostram tampas debruçadas por fora. Geralmente são menores mas há casos entre os Chiriguanos em que têm quase o mesmo tamanho dos respectivos vasos.

De acentuada importância para a classificação das igaçabas, é a ornamentação. Esta varia sobremaneira de perfeição; ora topamos com peças muito bem trabalhadas e de admirável gosto artístico, ora com simples e primitivas, feitas com desleixo. Infelizmente as fontes não nos informam como eram decorados os vasos dos Caiuás, dos "Bugres dos Campos", dos Carijós, dos Cocamas, Cocamillas, Curuaias, Guaianás, Guarayos, Irunas, Maués, Mundurucus, Oiampis, Omáguas, Pausernas, Tucuniapés, Tupiniquins, Wayoros e Xipaias. A cor básica era da própria argila, geralmente vermelha. Ou se dava cor branca (pardacenta) de fundo, sobre o qual se traçavam figuras pretas e vermelhas, estas últimas des-

cambando freqüentemente para o marron. Policromia aparece raramente.

Bastante característico das urnas guaranis é o "ornamento em zonas" junto ao gargalho do rebordo. Interessante é que os Tupi-Guaranis não se tenham inspirado na flora ou na fauna para motivos de adorno das igaçabas ou de sua cerâmica em geral, reduzindo-se praticamente seus desenhos a linhas geométricas meio estilizadas, gregas, meandros. Vários autores queriam ver nelas formas estilizadas de animais, aves ou plantas, outros vão mais além, descobrindo aí amuletos e feitiços que protegeriam os corpos ou os restos dos mortos contra demônios e maus espíritos. No caso dos Tupi-Guaranis torna-se esta hipótese muito pouco provável, já que as igaçabas não se destinavam primariamente ao uso funerário mas, sim, doméstico.

"Corrugado", também chamado impressões digito-unguiculadas, impressões digitais, imbricado quando as depressões se sobrepõem umas às outras à guisa de telhados ou escamas de peixe, constitui tipo de ornamentação da cerâmica dos Guaranis; consiste em apertar com a ponta do dedo (polegar) a massa de barro ainda mole. Tal adorno se acha muito difundido pelos mais diversos povos e regiões do Continente, assim que não assiste razão a Métraux (1928:247), tê-lo como invenção guarani.

Cumprê acentuar que a classificação das igaçabas em 4 grupos tipológicos não passa de mero tentame sem nenhum caráter definitivo ou exaustivo. Para uma tipologia mais acabada faltam muitos e muitos dados, não só das urnas de sepultamento secundário, mas também das peças maiores melhor conhecidas entre os Guaranis.

III — CONSIDERAÇÕES HISTÓRICO-CULTURAIS

As formas de sepultamento não se prendem necessariamente a determinados costumes e instituições sociais mais ou menos conscientes. Na maior parte dos povos, máxime entre os de civilização técnica mais avançada, torna-se antes uma questão de classe e de moda, pouco, se distinguindo de outras etique-

tas e exigências. Não vem pois a pêlo insistir muito em atribuir aos ritos fúnebres motivos rebuscados em torno de mitismos, magismos, simbolismos e quejandas concepções especiosas.

Tomando os Tupi-Guaranis em sentido amplo, isto é, a centena de tribos que pertenceram a seu tronco linguístico, de forma alguma serão os sepultamentos em urnas de barro patrimônio comum de sua cultura, porque de apenas 25 grupos sabemos que exerceram tal prática. Tupi-Guaranis em sentido mais restrito, sobretudo em se tratando de grupos tupinambás e guaranis meridionais, poder-se-ia atribuir-lhes como elemento característico cultural o enterro primário em urnas, naturalmente não de maneira exclusiva. Foi talvez o fato de os Guaranis praticarem este costume com certa intensidade e regularidade que levou alguns etnólogos a tê-lo como típico de todos os Tupi-Guaranis. Mais acertado seria dizer que o enterro em urnas constitui elemento excelente para, no conjunto de outros, caracterizar esta notável cultura sul-americana.

Respeito às idéias e motivações que levaram os Tupi-Guaranis ao uso de enterrar os mortos em igaçabas, podemos resumí-las em 5 principais: 1) — para evitar o contacto do cadáver com a terra, o mais simples e razoável; 2) — proteção do corpo contra animais vorazes, coincidindo com a explicação anterior; 3) — desterro da alma ou espírito do defunto, documentada pelos cronistas; aí a tampa da urna representa papel importante, impedindo que o morto venha perturbar os vivos; 4) — proteção do morto contra os maus espíritos adjacentes; 5) — para facilitar o renascimento ou ressurreição do defunto.

A distribuição das urnas funerárias no âmbito geográfico da família linguística tupi-guarani vem confirmar a opinião tradicional de que o centro de irradiação original desses índios deve ser procurado na zona de fronteiras da Bolívia, Paraguai e Brasil. Não é certo que o costume tenha sido herdado a outros povos; ao contrário, tendo-se em conta que os Guaranis o praticaram intensamente, parece melhor considerá-lo tradição antiquíssima comum a todos os Tupi-Guaranis, deles conhecida antes de iniciarem suas migrações.

BIBLIOGRAFIA CITADA

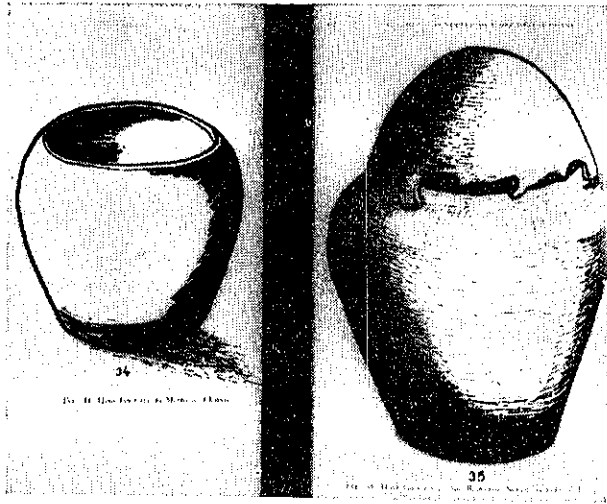
Antunes, Clóvis

1973 — Wakona-Kariri-Xukuru. Maceió (Alagoas).

Becker-Donner, Etta

1955 — Notizen ueber einige Staemme an den rechten Zufluessen des Rio Guaporé.

- Archiv. fuer Voelkerkunde, X, pp. 275-343. Wien.
- Bullock, Dillman S.
- 1955 — Urnas Funerárias Pré-históricas de la Región de Angel Reimpresión del Boletín del Museo Nac. de Hist. Natural, XXVI, nº 5, pp. 73-157. Santiago, Chile.
- Boglár, Lajos
- 1958 — Urn Burial of the Brazilian Indians. Acta Ethnographica Academiae Scientiarum Hungaricae. VI, Fasc. 3-4, pp. 345-355. Budapest.
- 1959 — Some Notes to Burial Forms of the Brazilian Indians. Opuscula Ethnologica Memoriae Ludovici Biró Sacra, pp. 159-163. Budapest.
- César, José Vicente
- 1964 — Igaçaba. Voelkerkufundliche Abhandlungen, Band I, Abteilung fuer Voelkerkunde, pp. 19-23. Hannover.
- 1965 — Urnenbestattung bei den Tupi-Guarani. São Paulo.
- 1965/66 — História Antiga de Cabeça Nova. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de Minas Gerais, XII, pp. 105-131. Belo Horizonte.
- 1966 — Enterro em urnas dos Tupi-Guarani. Rev. de Antropologia, vol. 14, pp. 53-72. São Paulo.
- 1968 — Arqueologia de Aparecida (São Paulo, Brasil) Verhandlungen des 38. Internationalen Amerikanistenkongresses. Band I, pp. 457-466. Stuttgart-Muenchen. Handbook of South American Indians, 6 vols. Washington 1946-1959.
- Hopp, Werner
- 1958 — Sterben wenn noetig toeten nie. Berlin.
- Métraux, Alfred
- 1928 — La Civilisation Materielle des Tribus Tupi-Guarani. Paris.
- Nordenskiöld, Erland Frhr.
- 1913 — Urnengraeber und Mounds im Bolivianischen Flachland. Baesler-Archiv, III, Heft 5, pp. 205-255. Leipzig-Berlin.
- Ott, Carlos
- 1944 — Contribuição à Arqueologia Baiana. Boletim do Museu Nacional, N. S., Antropologia 5. Rio de Janeiro.
- 1958 — Pré-História da Bahia. (Bahia)
- Preuss, Theodor
- 1894 — Die Begraebnisarten der Amerikaner und Nordostasiaten. Koenigsberg.
- Rodrigues, Aryon Dall'Igna
- 1964 — A classificação do tronco lingüístico Tupi. Revista de Antropologia, XII, 1 e 2, pp. 99-104. São Paulo.
- Schaden, Egen
- 1954 — Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani. São Paulo.
- Schmidt, Wilhelm
- 1913 — Kulturkreise und Kulturchichten in Suedamerika. Zeitschrift fuer Ethnologie, XLV, pp. 1014-1024. Berlin.
- Silva, Aristides Neves da
- 1959 — Achado Arqueológico em Entre Rios de Minas. Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de Minas Gerais, VI, pp. 357-373. Belo Horizonte.
- 1960 — Arqueologia de Entre Rios de Minas, ib. VII, pp. 1-51.
- Stoehr, Waldemar
- 1959 — Das Totenritual der Dajak. Ethnologica, N. F., I. Koeln.
- Tessmann, Guenter
- 1930 — Die Indianer Nordost-Perus. Hamburg.
- Thevet, Frei André
- 1953 — Le Brésil et les Brésiliens. Paris.
- Torres, Luis
- 1911 — Los Primitivos Habitantes del Delta del Paraná. Biblioteca Centenaria, V. Buenos Aires.
- Vasconcelos, Simão de
- 1865 — Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brasil, etc. Lisboa.



Urnas funerárias da Bahia



Urnas guaranis do Paraná — 1967



Padre César escavando igacabas em Aparecida, Est. de São Paulo.